

# RELAÇÃO ENTRE PSICOLINGÜÍSTICA E SOCIOLINGÜÍSTICA

(OU: POR UMA PSICOSSOCIOLOGÜÍSTICA)

Margot Levi-Mattoso

O título deste trabalho sugere um considerável número de questões básicas, tais como intentar definir o que se entende por Lingüística (L), Psicolingüística (PL) e Sociolingüística (SL) face às teorias mais atuais.

Também parece necessário definir Lingüística Aplicada (LA), já que não a equacionamos apenas com o ensino de línguas, ao qual está relacionada, mas se constitui também num ramo importante desta: a LA não pode, entretanto, jamais ser separada da Lingüística Teórica. Desta forma a LA é cada vez mais interdisciplinar por excelência, com tendência a uma orientação polivalente.

Atualmente parece difícil discutir qualquer aspecto da L sem fazer referência ao seu desenvolvimento histórico. Há mais ou menos 30 anos, quando iniciamos o estudo da L, a situação era bem diversa da que encontramos hoje, como aliás ocorreu com todas as ciências.

Vejamos: durante as duas décadas compreendidas entre 1920-40 tanto os lingüistas e filósofos ocidentais quanto os soviéticos já estudavam as questões da inter-relação da linguagem com o pensamento. Naqueles tempos alguns lingüistas supunham, por exemplo, que a construção ergativa (pré-nominativa) da cláusula, no ato da expressão, correspondia a um tipo de pensamento primitivo da imagem. A mudança da ordem ergativa pela nominativa fazia supor câmbios qualitativos na estrutura do pensamento. Em pouco tempo se viu que a correlação entre o pensamento e a linguagem (entre o pensamento e sua expressão verbal) não se processava de maneira linear, pois estruturas lingüísticas diferentes podem expressar idéias iguais.

Aqui já se pode falar de dois aspectos fundamentais referentes ao uso da língua(gem): sua complexidade e atitudes em relação à mesma.

*Complexidade* – A linguagem humana é complexa não apenas na sua organização ou sistematização (seus níveis fonológicos, sintáticos e semânticos), mas também na realização variável destes elementos. Variantes, portanto, aparecem nas diferentes comunidades da fala, podem ocorrer dentro de uma mesma comunidade e mesmo entre indivíduos. Assim, essas variantes não permitem uma resposta unívoca sobre o uso da língua portuguesa (ou de outra qualquer), embora todos os falantes sempre tenham uma resposta idiossincrática e limitada sobre esta questão, conforme adiante veremos.

*Atitudes* – Mesmo os falantes da língua materna mais sensíveis às complexidades lingüísticas, não são confiáveis porque cada um tem o seu ponto de vista sobre “como” os outros deveriam falar. Seu julgamento é em grande parte baseado em estereótipo(s), em vez de concentrar-se no desempenho real, ou na finalidade do ato da fala: se foi ou não alcançada. Toda atitude é composta de pelo menos três componentes: 1) cognitivo; 2) afetivo e 3) conativo. Portanto, toda observação depende de nossa atitude (afetivo), de nossa crença (cognitivo) e ação (conativo).

Historicamente, há apenas 15 anos iniciou-se o estudo da ‘conversação natural’ (*natural talk*). Muitos lingüistas brasileiros foram treinados no funcionalismo e estruturalismo pragmático desde Saussure, Bloomfield e Fries e, posteriormente, no comportamentalismo neurofisiológico de Lambert e Osgood. Na década de '50 a *palavra* era a unidade metodológica, seja no estudo da associação e similaridade ou sinonímia, seja no estabelecimento de regras de frequência ou no valor emocional da percepção. Faziam-se levantamentos via atlas lingüísticos, estudava-se a diferenciação semântica da palavra. Portanto o comportamento lingüístico era visto através de palavras (ver Jakobovitz e Miron, 1967). Na década de '60 chegou-se à conclusão de que as leis do comportamento lingüístico poderiam ser pesquisadas além desta unidade. Muito se deve à metodologia etnográfica e à influência da Escola Britânica, quanto às descobertas e à metodologia da conversação natural.

Na Inglaterra, Halliday (1972, 73, 75) demonstrou que o discurso e a fala operam através de convenções etno-semânticas e, assim, as unidades de comportamento lingüístico teriam que ser relacionadas ao contexto social da situação. Nos Estados Unidos, Goffman, Garfinkel

e Sacks estudaram o comportamento lingüístico como um fenômeno sócio-psicológico, embora a produção do discurso fosse consideradas como fenômeno biológico natural.

Alguns destes teóricos vinham da área da Psico outros da Sociolingüística. Neste contexto não se pode deixar de citar Labov e Dell Hymes de um lado e Brown e Miller do outro, assim como Slama-Cazácu e Prucha.

A disciplina PL existe desde 1953; antes havia a Psicologia da Linguagem, campo não bem delimitado (ver Delacroix et alii, 1933), onde se alternam estudos absolutamente dissímiles entre si, tratando de uma grande variedade de temas. O mesmo aconteceu na Sociolingüística, que foi estabelecida em 1960 e um dos poucos livros que tratavam de assuntos correlatos foi *Pour une Sociologie du Langage* de Marcel Cohen (Paris, 1956) e o de K. R. Megrelidze (1938) *Problemas Fundamentais da Sociologia do Pensamento*, embora E. Dürkheim tivesse sido o indicador das regras metodológicas na Sociologia (1918).

O século XIX se caracterizou pelos esforços em imitar as ciências naturais que, apoiados no método experimental-empírico, conseguem importantes avanços dentro da L; essa influência é especialmente notada na assim chamada 'Escola dos Neogramáticos'. Na segunda metade deste século, também a sociologia se deixa influenciar pelos métodos das ciências naturais, abandonando o método especulativo iniciado por Weber. Em 1897, Wundt funda o primeiro laboratório da psicologia experimental na Universidade de Leipzig.

O começo do século XX marca uma notória mudança de rumo. Por um lado a L explicitamente estabelece seu objeto, por outro, demarca seus limites onde importa, em primeiro lugar, a língua em si, um sistema de relações entre os elementos que a integram.

Enquanto isso, nos EUA, John Watson, reagindo contra os métodos experimentais de Wundt e outros, funda o 'behaviorismo'. O objeto dessa nova Psicologia já não são os processos mentais, mas o comportamento observado friamente pelo investigador e assim foi que Watson centralizou o estudo da psicologia na conduta como atividade e reação dos organismos.

Desta linha de investigação sairá uma corrente muito frutífera e poderosa que culminou com a publicação do livro de Skinner (1957) *Verbal Behavior*.

Em 1953, Osgood e Sebeok convocavam um simpósio na Universidade de Indiana com a finalidade de tentar unificar alguns critérios e conceitos da Psicologia e da Linguística. Deste encontro surgiu o livro — hoje um clássico (1954) — porém o nome definitivo da disciplina PL (Psicolinguística) havia surgido num Seminário de Verão anterior (1951), na Universidade de Cornell. Os conceitos teóricos desta PL nascente foram a linguística estrutural, o behaviorismo e a teoria de informação. Peronnard (1976:29) disse: “Naquela época o objetivo parecia factível. A linguística estrutural, a teoria da informação e a psicologia behaviorista tinham conseguido isolar seu objeto de estudo de tal forma que o ser humano não perturbasse as *relações invariáveis* de estímulo e resposta, distribuicionais e probabilísticas”. Tratava-se de compatibilizar os marcos teóricos empíricos-indutivos e vertê-los em terminologia da teoria da informação.

É interessante observar que uma das primeiras definições da PL americana indicou como seu objetivo principal a *relação entre a mensagem e as reações que a mesma provoca na psique do indivíduo* (cf. Osgood e Sebeok, 1954:4). Já as definições subseqüentes não levavam em consideração as relações emissor-receptor, principalmente a corrente gerativista-transformacional (cf. Carrol, 1970) e por isso é tida como *segunda geração* de psicolinguístas.

Para George Miller (1964), a tarefa principal da “nova ciência” seria descobrir os processos psicológicos que ocorrem quando as pessoas utilizam orações. O que a PL deverá explicar agora é a *produtividade*, ou seja, o que acontece quando as pessoas empregam orações, e como se explica a escolha; como as utilizam quando produzem e/ou procuram entendê-las (decodificá-las). Esta produção podia ser mais facilmente observada e testada ainda ao nível de palavras isoladas, no entanto, tornava-se crucial na análise de orações e do discurso.

O ponto de vista exposto por Miller se adequa perfeitamente às bases teóricas apresentadas por Chomsky em 1965. Miller propôs três passos fundamentais para o processo de compreensão (de um enunciado): o fonológico, o sintático e o semântico. Dos três dedica

atenção especial ao sintático, seguindo a tradicional idéia chomskiana sobre a centralidade da sintaxe na gramática de uma língua e propondo, igualmente, como meramente interpretativos os componentes fonológico e semântico.

No estado atual da ciência (como veremos mais adiante), já se descartou parcialmente a preponderância da sintaxe, relevando-se o componente semântico. Seria muito difícil imaginar um processo que captasse primariamente a estrutura sintática e, só depois, conferisse uma interpretação semântica. O próprio Chomsky (1972) afirma que situar em primeiro ou segundo lugar o componente semântico não é assunto decisivo, já que as evidências empíricas decidirão por si sobre a ordem na qual devem aparecer. Se este é um conceito válido a nível de teoria geral da gramática, deixa de sê-lo ao passar à PL, uma ciência eminentemente empírica, onde é preciso dar respostas de forma urgente e concisa. Na verdade, até meados da década de '60 a PL tinha abandonado, em grande parte, os esquemas da psicologia behaviorista e se achava comprometida com as teses inatistas e racionalistas derivadas de Chomsky e seus discípulos.

A PL se preocupa atualmente com fatos lingüísticos, tais como os atos da fala e estuda a relação entre a língua como código (sistema) e as mensagens como apresentadas no desempenho individual do ato da comunicação. Também as hipóteses sobre aquisição da linguagem propostas por Chomsky têm tido seus opositores. Um dos melhores trabalhos críticos encontra-se em Campbell e Wales (1970). Para Chomsky a doutrina das idéias inatas é básica em relação à aquisição de uma língua e significaria o processo pelo qual a criança consegue adquirir fluência e controle de sua língua materna. Sugere Chomsky que a criança nasce com um conhecimento dos princípios formais que determinam toda estrutura gramatical (LAD ou DAL = Dispositivo da Aquisição da Linguagem), sendo que estes princípios são, supostamente, universais. Esta então seria uma hipótese racionalista, oposta às hipóteses empiricistas que, em sua forma extrema, afirmam que todo o conhecimento é adquirido através da experiência.

Campbell e Wales, ao criticarem o posicionamento de Chomsky, dizem que todos os psicólogos influenciados por ele falharam, porque não deram importância a fatores ambientais que influem decisivamente no desenvolvimento da competência comunicativa. Outro

aspecto pouco desenvolvido na teoria chomskiana é o que se refere às mudanças no sistema lingüístico e o papel na aquisição de valores semânticos e gramaticais. É cada vez mais evidente que modelos adequados ao processo de comunicação não podem basear-se apenas em características individuais do falante, i.e., conforme a interpretação da psicologia individualista. O ser humano emprega a linguagem em situações concretas, específicas: portanto, a interioriza de acordo com aspectos sócio-culturais, sociais e contextuais.

Vamos tentar estabelecer aqui a diferença metodológica entre competência lingüística, competência comunicativa e a dinâmica contextual.

De acordo com Chomsky *competência lingüística* “é o conhecimento que um falante ideal tem da sua língua e do sistema de regras internalizadas” e por isso estaria capacitado a rejeitar frases como

\*‘Peixe comeu ele João’ como sendo ‘não gramatical’ e  
‘Paulo e Maria casaram ontem’ como sendo ambígua.

De acordo com o mesmo autor, o lingüista deseja determinar, a partir dos dados do desempenho, o sistema de regras subjacentes que tanto o falante quanto o ouvinte tenham interiorizado. Por isto a teoria GT é considerada mentalista e a ‘competência’ seria um sistema mentalista subjacente. Observe-se que tanto Saussure quanto Chomsky eram ‘mentalistas’. Ao avaliarem uma gramática particular perguntam se a informação que ela nos dá sobre a língua é correta, i.e., se descreve corretamente a intuição lingüística do utente (Fodor e Katz, 1964).

A ‘intuição lingüística do utente’ aqui é igual a *conscience des sujets parlants* e para ambos, portanto, seria o teste de adequacidade de uma descrição lingüística. Compreende-se, então, que a principal distinção entre competência e desempenho estaria na intuição do falante. Caso este não tenha a capacidade de distinguir, por exemplo, se uma frase é ambígua ou não, este problema seria visto como falta de competência. No entanto muitos outros fatores podem influenciar essa incompetência, tais como lapsos de memória, distração e, principalmente, falta de experiência/vivência. Todos estes aspectos são importantes a serem considerados quando se deseja estabelecer estratégias perceptuais de acordo com a produção verbal.

Em várias partes do mundo, lingüistas não satisfeitos com os limites determinados pela psicologia individual, desenvolveram teorias mais abrangentes, incorporando fatores sociais e culturais aos estudos do uso e funcionamento de uma língua e também aos da aquisição da linguagem. Foi R. Brown (1971) que utilizou o termo *Social Psychology of Language* pela primeira vez nos EUA e desde então foi interpretado por muitos como um ramo da psicologia social e por outros como sendo sociologia da comunicação em vez da Psicolingüística “*stricto sensu*”. Embora Dell Hymes desde 1967 já falasse em *Competência Comunicativa* (CC), apenas a partir de 1972, baseado no excelente artigo “On Communicative Competence”, esta idéia foi retomada e ampliada – e muitas vezes mal interpretada – pela comunidade de lingüistas.

Um dos temas fundamentais do artigo, nas palavras do seu autor, é que “problemas teóricos e práticos convergem” (1972, p.269). A CC basicamente refere-se ao conhecimento que o falante tem a respeito das regras sociais que determinam o uso da língua, a qual se constitui num conjunto sistêmico de regras de interação sócio-lingüística. Esta idéia foi crucial para o ensino, já que se viu que não basta ensinar apenas as *formas* da língua, mas também o *uso socialmente apropriado* a cada situação. Assim a CC se interrelaciona a língua e pensamento, língua e sociedade, língua e cultura, incluindo-se os aspectos da compreensão, produção e percepção.

A PL se distingue da SL aparentemente pelo fato de que a primeira se preocupa basicamente com as relações eventualmente existentes entre a *mente humana* e a *linguagem humana*, enquanto a segunda tem na relação entre a sociedade humana e a linguagem seu ponto de partida. Observe-se o que J.A. Fishman disse, em 1970:

... a Sociolingüística procura descobrir as leis sociais ou as normas que expliquem o comportamento de uma dada língua e (também) o *comportamento do falante* em relação à língua usada dentro da comunidade.

Há muitos anos tenho-me feito a pergunta: por que não relacionar claramente a PL à SL, pois, como já vimos, o ponto de vista funcional de Halliday relaciona a linguagem ao contexto de situação

sem no entanto desenvolver a idéia do contexto cultural, embora enfatizasse (1978):

Uma criança, no ato de aprender a língua, está aprendendo também *cultura* através desta língua. O sistema semântico que está construindo se torna o primeiro meio de transmissão da cultura.

É preciso aqui definir o que se entende por cultura, já que é uma palavra polissêmica com várias conotações. Firth e mais tarde Halliday utilizaram a palavra Rede (*net*): “uma rede de valores, atitudes e crenças que dão a uma sociedade, ou parte dela, uma identidade reconhecível”. Já o grande antropólogo britânico do Século XIX, Sir Edward Taylor disse que “cultura é conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes e qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Do ponto de vista da lingüística sobre a interrelação entre cultura e língua, o mais importante aspecto é o que se refere às *capacidades* e *hábitos* adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade...

Mais modernamente se poderão interpretar os autores acima mencionados através do seguinte esquema:

### CULTURA

Hereditariedade  
(input genético)

Meio ambiente  
(input social)

moral  
(organização política  
dos povos)

comunicação  
(verbal e extralingüística)

Por este esquema se vê não apenas a necessidade, mas quase um imperativo, para uma metodologia Psicossociolingüística.

A lingüista romena Tatiana Slama-Cazacu apresentou em 1972 um ponto de vista que a situa, de certo modo, entre os psicolingüistas

adeptos do enfoque behaviorista e aqueles que surgiram do transformacionalismo chomskiano. Para ela, a psicolinguística necessita uma base teórica mais ampla, baseada em uma visão mais completa de aprendizagem (humana) enquanto processo de integração no qual a pessoa, em sua totalidade, esteja inserida. De acordo com Slama-Cazacu, a PL não deve pesquisar apenas a reação do ouvinte, mas também a do falante no momento da produção, já que a linguagem é usada primordialmente como meio de comunicação. Desta maneira se poderiam explicar certos problemas advindos de situações específicas. Slama-Cazacu considera o homem em sua totalidade, dotado de pensamento e de consciência; leva em conta as inter-relações dos processos psíquicos e filosóficos; pensa que não é possível discutir os aspectos psíquicos sem levar em conta o determinismo social, dizendo que o homem é o que é graças às suas relações com outros homens e, neste contato (processo), desenvolve o pensamento, adquire a língua e recebe os conhecimentos transmitidos pela sociedade; e, finalmente, considera o homem um ser ativo e dinâmico em constante mudança, portanto, agindo sobre si mesmo, sobre a natureza e sobre os outros homens.

Quanto à teoria lingüística básica, toma partido pelo estruturalismo, mas referindo-se a ele como *contextual e dinâmico*.

Se há diferença no enfoque metodológico dos estudos psicolinguísticos, sociolinguísticos e da análise funcional, existem, contudo, vários pontos de contato. Acredita-se que a interrelação destas três disciplinas pode resultar em uma teoria integrada que trate tanto do comportamento comunicativo individual quanto deste comportamento como sendo parte do comportamento da sociedade em questão. Esta hipótese se insere no contexto de uma operação sinérgica\* de dois mecanismos psíquicos: a experiência e a conceitualização. Vê-se, daí, que para uma teoria psicossociolinguística é preciso considerar também as formas não verbais do comportamento humano (as cinésicas e paralingüísticas) e averiguar a dependência destas formas de comunicação com os fatores psicossociais.

Expõem-se, a seguir, dois pontos de vista sobre a Psicossociolinguística:

**1º - o ponto de vista de Jan Prucha (1972):**

Segundo o autor, a PL e a SL têm vários objetivos em comum. Apesar disso, o desenvolvimento metodológico de cada uma delas vem sendo realizado diferentemente. Assim, para Prucha, um processo de integração é necessário, de modo a formar uma ciência polidisciplinar: a sócio-psicolinguística, que visa a solucionar vários problemas que podem ser resumidos na seguinte pergunta: “Que fatores concorrem para que o falante expresse suas idéias numa determinada oração”? – Segundo Prucha, uma resposta adequada só será encontrada se houver uma interação das duas disciplinas, de modo que seus métodos e pesquisas possam convergir para um objetivo comum. Ainda, segundo o autor, o estudo da nova ciência contém três componentes fundamentais: a) as manifestações da língua; 2) o comportamento individual e c) o contexto sócio-cultural dos atos de comunicação. Portanto, qualquer pesquisa sobre a linguagem, para ser completa, deverá levar em conta esses três elementos.

O autor acima cita ainda no seu trabalho os pontos de inserção da PL e SL: 1º) o conceito de competência comunicativa – sendo que o termo *competência*, no caso, deve ser empregado num sentido bem mais amplo do que o chomskiano, significando um conhecimento das normas sociais da comunicação de um determinado código, verbal ou não. A aquisição dessa competência, porém, deve ser considerada sob o prisma da nova ciência inter-disciplinar – sócio-psicolinguística – e também pela estilística funcional, a teoria linguística que trabalha com textos que se modificam conforme a comunicação pretendida.

**2º - o ponto de vista de Tatiana Slama-Cazacu (1973):**

A autora tem um enfoque diverso de J.P. Segundo ela, o contexto social é uma condição “necessária e mesmo essencial” para a própria sobrevivência da PL, pois o enfoque transformacional não chegou a atingir seus objetivos, uma vez que trabalhava com termos muito abstratos. Slama-Cazacu diz que cientificamente é impossível raciocinar em termos de “indivíduo ideal”, ainda que as pessoas não sejam influenciadas por determinantes sociais. Assim, todos os es-

tudos e pesquisas em PL são implicitamente sociais e o termo sócio-psicolingüística – ou psico-sociolingüística – tornar-se-ia redundante. Para a autora acima citada, o que outros lingüistas denominam através de um desses termos é na realidade PL *tous court*, pois considera esta última como já tendo se emancipado de sua fase inicial e se preocupa agora com a situação real da comunicação e com os *determinantes na ação* (dinâmica contextual) que não podem ser omitidos em qualquer análise de um ato de fala, a menos que se queira correr o risco de trabalhar sobre o vazio, com dados não confiáveis e insuficientes.

Entrementes, sabe-se que a SL necessita também levar em conta os determinantes psíquicos da mensagem verbal. Temos aí, então, pontos de confluência entre as duas disciplinas, o que não significa uma identificação total dos métodos utilizados, ou dos objetivos a serem atingidos por cada uma das duas ciências inter-disciplinares.

Esta perspectiva nós já defendemos em nossa tese de Livre Docência intitulada 'A Linguagem no Contexto Psicossocial' (1976), onde afirmávamos que "uma teoria do comportamento lingüístico não pode ser estabelecida sem levar em conta o SER (o homem social) como comunicador porque o estudo deste comunicador não pode ser efetivado isolando-o do contexto comunicativo no sentido amplo, que abrange o seu passado e o seu presente sócio-cultural" (p.69). Nas nossas pesquisas sobre o Bilingüismo isso se tornou evidente. I nestas pesquisas que ficou claro que é preciso partir da teoria lingüística da análise funcional que trata da tipologia do discurso ou do texto do ponto de vista das modificações e diferenças estilísticas presentes em toda comunicação humana. Portanto, o contexto social e cultural é tão essencial para a comunicação verbal como o próprio processo verbal. Assim, o indivíduo constitui a *unidade funcional* lingüísticamente, mas ele também relaciona dinamicamente os elementos da sua vivência, conceitualizando individualmente estas experiências. Desta maneira, cada pessoa cria formas novas de pensar e de expressar-se. Por outro lado, se o próprio indivíduo é *agente* de características psicossociofisiológicas da unidade funcional, mesmo que sejam, de certa maneira, impostas pelo próprio sistema lingüístico.

Admite-se a real capacidade do indivíduo de *induzir* a organização estrutural da língua ao mesmo tempo que *utiliza* o sistema

gramático-semântico para criar novas estruturas não antes ouvidas. Desta maneira, a hipótese *integrativa* se sobrepõe aos limites da hipótese *comportamental*.

Todo o processo de aquisição da competência lingüística se realiza através de três estágios (ver Titone, 1971):

- 1) pela associação das unidades lingüísticas elementares;
- 2) pela indução e interação; e
- 3) pela dedução e aplicação.

*Indução* aqui significa que o falante é exposto à língua e gradualmente induz as regularidades morfosintáticas pela repetição, analogia e generalização. Assim, induz a organização estrutural de uma língua, usa-a criativamente e aplica-a dedutivamente. Este é um processo cognitivo, conforme as leis gerais do aprendizado (humano), e não conforme a teoria do mecanismo inato da aquisição lingüística, até o momento ainda não devidamente definido. Portanto, toda *criatividade* lingüística pressupõe experiência lingüística, a qual, por sua vez, é o resultado de capacidades cognitivas combinatórias. Aqui eu diria com Slama-Cazacu que o dinamismo de aquisição da língua materna é o resultado de *interação do elemento social*. O elemento *individual-psicológico* surge quando a criança seleciona e induz (a partir da fala dos adultos) o modelo gramatical subjacente, o qual ela então aplica dedutivamente via codificação individual das mensagens. Quer dizer que, enquanto a criança adota um modelo sintático-semântico, ela também adota os modelos psicossociais correspondentes. Devemos, portanto, também examinar as diferenças sociais e psicológicas advindas do *uso* e do *efeito* que podem exercer os diferentes meios de comunicação — sejam as comunicações de massa, as atividades escolares e extra-escolares, os tipos de contato e a freqüência dos mesmos (estes aspectos desenvolvemos detalhadamente em outro artigo). Não vemos a língua como um objeto autônomo, nem o seu desenvolvimento apenas baseado em fundamentos biológicos mas desenvolvendo-se via estágios maturacionais, portanto concomitante a todo processo evolutivo.

Esta alternativa é um complemento da teoria cognitiva — não contrário a ela — pois consideramos o sistema semiótico como parte do sistema social. Reconhece-se que o processo evolutivo da aquisição da linguagem se *inicia* na mente do indivíduo, mas sempre é depen-

dente do contexto da interação social. Assim, o aprendizado da língua materna assume a forma de troca contínua de significados entre o ser e os outros, tornando-se um 'ato de significar' ou um ato socialmente determinado. Ao mesmo tempo isso não significa que seremos prisioneiros de determinada cultura porque todos podem aprender e/ou acrescentar outros valores culturais.

Por isso, acredita-se que a relação entre o ato verbal, o ambiente e a situação onde se concretiza está subentendida na cultura, na sua estrutura e na interação destas, se bem que possamos libertar-nos, progressivamente, dessa dependência.

Se revirmos tudo o que foi dito até agora, parece cada vez mais difícil estabelecer uma distinção entre o que é social e o que é psicológico, ao analisar-se um ato de comunicação. Se um mesmo enunciado pode transmitir mensagens diferentes de acordo com "quem diz o quê, em que circunstância, para quem, onde, quando, como e porquê" (adaptações de Fishmann, 1971), parece-nos que o ambiente social, a situação contextual, o comportamento individual e social, além das associações individuais estão intimamente ligados, pois que uma palavra tem um sentido associativo tanto quanto privativo para cada indivíduo que faz uso dela.

Se tanto a PL quanto a SL ainda são, por muitos, considerados campos não totalmente explorados, muito mais isto é verdade em relação à Psicossociolinguística. Por esta razão, a investigação, a coleta de dados e sua explicitação — mesmo em parcelas aparentemente insignificantes, serão bemvindas. Desta forma, se bem que lentamente, saberemos cada vez mais sobre o funcionamento e o uso que se faz desse maravilhoso instrumento, que se chama Linguagem e que permite aos seres humanos se comunicarem e se entenderem.

---

\* *Sinergia (Synergia): ato ou esforço simultâneo na realização de uma função.*

## BIBLIOGRAFIA

- AKMANOVA, Olga. *Optimization of Natural Communication Systems*. The Hague: Mouton, 1977.
- ALLEN, Donald E. e GUY, Rebeca F. *Conversation Analysis: The Sociology of Talk*. Janua Linguarum, The Hague: Mouton, 1974.

- AMMON, Ulrich. *Probleme der Soziolinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1973.
- ADAMS, Parveen (ed.). *Language in Thinking*. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1972.
- AUSTIN, J.L. *How to do Things with Words*. London: Oxford University Press, 1962.
- BATES, Elisabeth. *Language and Context (The Acquisition of Pragmatics)*. New York: Academic Press, 1976.
- BAILEY, Charles-James N. *Variation and Linguistic Theory*. Arlington, Va: Center for Applied Linguistic, 1973.
- \_\_\_\_\_. "Contributions of the Study of Variation to the Framework of the New Linguistics". *Linguistische Berichte*, Braunschweig: Vieweg, 29, 1974.
- BIAGGIO, Angela M. Brasil. *Psicologia do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BLOOM, L.K. *One Word at a Time: The Use of Single Word Utterances Before Syntax*. Mouton: The Hague, 1973.
- BROWN, Roger. *Social Psychology*. New York: Macmillan, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Psycholinguistics*. New York: Free Press, 1972.
- CAMPBELL, R. e WALES, R. "O estudo da Aquisição da Linguagem".
- LYONS, John (org.). *Novos Horizontes em Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix/USP, 1976.
- CAMICHAEL, Leonard. "The Early Growth of Language Capacity in the Individual". In: *New Directions in the Study of Language*. Cambridge/Mass.: MIT Press, 1973.
- CARROL, J.B. *Towards a Third Generation of Psycholinguistics*. Xerox copy, 1970.
- \_\_\_\_\_. *O estudo da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- COHEN, Marcel. *Pour une sociologie du langage*. Paris: Ed. Albin Michel, 1956.
- CHOMSKY, Carol. *The Acquisition of Syntax in Children from 5 to 10*. Cambridge/Mass.: MIT Press, 1969.
- CHOMSKY, Noam. *Language and Mind*. Enlarged Edition. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Reflexions on Language*. New York: Random House, 1975.
- CLARK, H.H. *Associações de Palavras e Teoria Lingüística* in LYONS, J. (org.). *Novos Horizontes em Linguística*. Op. cit.
- DANES, Frantisek. "One Instance of Prague School Methodology: Functional Analysis of Utterance and Text". in GARVIN, L. Paul (org.) *Method and Theory in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1970.
- DEESE, James. *Psicolinguística*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- DELACROIX, H. *Le Language et la pensée*. Paris: Alcan, 1930.
- ERVIN-TRIPP, S. "An Analysis of the Interaction of Language, Topic and Listener". in FISHMAN, J.A. (org.) *The Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1972.
- FIRTH, J.R. *Papers in Linguistics - 1934-1951*. London: Oxford Univ. Press, 1958.

- FISHMAN, J.A. (1971) "The Relationship Between Micro-and-Macrosociolinguistics in the Study of who Speaks what Language to Whom and When". RIDE, J.B. & HOLMES, J. (orgs.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972:15-32.
- FLÜGEL, Heinz. *Sprache und Kommunikation (Kurzfassung)*. S.I, S.ed. s.d. Xerox.
- GARVIN, Paul L. (ed). *Method and Theory in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1970.
- GARVIN, P.L. & SUAREZ, Y. Lastra de. *Antologia de estudos de etnolingüística y sociolingüística*. Ciudad de México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1974.
- GREENE, Judith. *Thinking and Language*. London: Methuen, 1975.
- GUMPERZ, J.J. "Types of Linguistic Communities". *Anthropological linguistics*. Bloomington, 4(1), 1962. (Cópia xerox), sem paginação.
- \_\_\_\_\_. "The Communicative Competence of Bilinguals: Some Hypotheses and Suggestions for Research". *Language in Society*. v.1, (1). Cambridge: Cambridge University Press, April 1972.
- HALLIDAY, M.A.K. "The Users and Uses of Language". in FISHMAN, J.A. (org.) *Readings in the Sociology of Language*. Paris: Mouton, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Explorations in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Learning How to Mean: Explorations in the Development of Language*. Londres: Edward Arnold, 1975.
- \_\_\_\_\_. "System and function in language". GÜNTHER Kress (org.) *Selected Papers*. Londres: Oxford University Press, 1976.
- HARTIG, M. *Das Verhältnis von grammatischen Regeln und Sprachlichem Verhalten*. Heidelberg, IRAL - Sonderhand, 1974.
- HYMES, Dell. "On communicative competence" (1967, ms) in PRIDE, J.B. & HOLMES, J. (orgs.) *Sociolinguistics*. Harmondsworth, Penguin Books, 1972, pp.267-293.
- \_\_\_\_\_. "Language in Education: Ethnolinguistic Essays". *Language and Ethnography Series*. Washington, DC., Center for Applied Linguistics, 1980.
- JACOBOWITS, Leon A. & BARBARA, Y. Gordon. *Applied Psycholinguistics in Social Psychology*. Honolulu, SAD, 1978. Cópia xerox.
- JACOBOWITZ, L.A. & MIRON, M.S. (orgs.) *Readings in the Psychology of Language*. Englewood Cliffs, N.Y.: Prentice Hall, 1967. (Cópia xerox)
- LABOV, M. "The Study of Language in its Social Context". in PRIDE, J.B. & HOLMES, J. (orgs.), 1972.
- LABOV, M. "Where Do Grammars Stop?" in SHUY, R.W. (org.) *Monograph Series on Language and Linguistics*, 25. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1973.
- LEONTEV, A.A. "Speech Norm as Social Norm". *IJP - International Journal of Psycholinguistics*, 2:49-53, 1973.
- LAMBERT, W.E. "A Social Psychology of Bilingualism". *Journal of Social Issues*, 23 (1967):91-109.
- LEVI-MATTOSO, Margot. *Rumos da Lingüística*. Rio de Janeiro: Vozes e IEL/RS, 1978.

\_\_\_\_\_. *A Linguagem no contexto psicossocial: Visão Teórica e Prática. Tese de Livre Docência, Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1976.*

MAIA, Eleonora de Mota (atualmente Albano). "Gramática transformacional e psicologia cognitiva". *Revista Brasileira de Lingüística*, 2, 1975.

MILLER, George A. "The Psycholinguists: On the New Scientists of Language". *Encounter*, 23(1), julho 1964.

OSGOOD, C. & SEBEEK, T.A. *Psycholinguistics: A Survey of Theory and Research Problems*. Baltimore: Waverly Press, 1954.

PAULSTON, Christina B. "Linguistics and Communicative Competence". *Tesol Quarterly*, 8(4) Dec. 1974.

PIKE, Kenneth L. "Hacia una teoria de la estructura del comportamiento humano". *Antologia de estudos de etnolingüística*. Paul L. Garvin y Yolanda Lastra de Suárez (orgs. e trads.). México: Univ. Nacional Autónoma de México, 1974.

PRUCHA, Jan. "Psycholinguistics and Sociolinguistics: Separated or Integrated?" *Internacional Journal of Psycholinguistics*, 1:9-23, 1972.

\_\_\_\_\_. "Psycholinguistic Study of Child Language Acquisition". OINESOG, K. (org.) *Proceedings of the First International Symposium of Paedolinguistics*. The Hague: Mouton, 1974.

SHUY, B.W. & FASOLD, R.H. (orgs.) *Language Attitudes: Current Trends and prospects*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1973.

SLAMA-CAZACU. "Is a Socio-Psycholinguistics Necessary?" *International Journal of Psycholinguistics*, 21(93-103), 1973. "Die dynamisch Kontextuelle Methods in der

Sprachsoziologie". KJOLSETH, R. & SACK, F. (orgs.) *Zur Soziologie der Sprache*. Sonderheft Kolner Ztschr. für Soziologie u. Sozialpsychologie, (73-86), nov./dez. 1971.

\_\_\_\_\_. *Introduction to Psycholinguistics*. Mouton: The Hague, 1973.

\_\_\_\_\_. *Psicolingüística Aplicada*. (Trad. Leonor Seliar-Cabral). São Paulo: Pioneira, 1977.

\_\_\_\_\_. "Applied Psycholinguistics: Its Objects and Goals". In: *Proceedings of the Fourth International Congress of Applied Linguistics*. Gerhard Nickel (org.) Stuttgart, AILA e Hochschulverlag, 1976.

TITONE, R. *Psicolingüística Applicata*. Roma: A. Armando, 1971.

VYGOTSKY, L.S. *Thought and Language*. New York, MIT: John Wiley, 1962.

ZIEGERSAR, D.V. "Sprachfunktionen und Sprechakte in fremd-Sprachenunterricht." *Linguistische Berichte*. Braunschweig: Vieweg, April 1975.